

venta não

Alexandre Faria



FVNALFA

Alexandre Faria

venta não

Juiz de Fora
Funalfa
2013



venta não



*o amargo da língua
a mãe, o pai, o avô,
o filho que ainda não veio
o início, o fim e o meio.*
(Raul Seixas e Paulo Coelho)



À memória de *Jandira Martins (Doca)*
- ê meu povo

Para

Carolina Barreto

Fernanda Fernandes

Oswaldo Martins

Paulo Roberto Tonani

Tatiana Franca

com cujá e saquê,



tudo muito sempre



Barata pode ser um barato total.
(Gilberto Gil)



1

o que é com
só
aqui e agora

goza um enquanto

se insondável

nem sonhes

2

mas para nas antíteses
(não penses barroco)
evita a verdade

a fraude síntese
(não penses freud)
é plicar máscaras

melhor
premer-se no aqui
primir-se no agora

antes de arrecadar
partir

3

pois no princípio
o silêncio
demiurgo

4

caos ou
êxodo

nenhuma dor
é bom começo

5

o verbo
comprava barulho

silêncio a barganha
da criação

6

divide

curte

diferenças

com estetoscópio

e folia de foles

ao eterno

indiferente

7

se eterno

nunca

se eterno

onde?

só o que é com

aqui

agora

8

sê aqui agora

não voltes

não fiques

não partas

9

sereno

ginga

saber água

ser sêmen

se áporo

bate e fura

se montanha

contorna

10

bebe e antes
da gota que falta
bebe

garimpa o comum
que a mina
te cabe

goza enquanto
carregas estadas

11

olhos livres

para a infância de um deus

antes do *fiat*

o aprendizado das estadas

bem curtidas

mundos

ignotas

nunca

haverá rotas

12

casa

não pela fachada ou mobília

vaso

nunca pelo que verte ou abriga

moinho

no vão da passagem entre pás

será também no vazio

o gozo

das coisas

13

paixões

são para errar a mão
salgadem sempre

se

luzes , cegam
águas , afogam

rasga a receita
da paixão medida
não há quem avie

14

mas dispensa honras
e favores

do que ama

15

como se tocasse
o silêncio

a sintonia dos olhos
não cabe na boca

16

não é esperança

não é rendição

essa entrega

dos corpos sem deus

17

para sentir

o turbilhão fértil
das ruas e dos desejos
o feérico e o âmbar
de *dancings* e motéis

para aprender

o silêncio
da pequena morte

18

ao que viveu , do passado
viajante , dos lugares
sábio , da verdade

pergunta

contam sempre outra história

19

sabedoria

a vó analfabeta

o resto

erudição e velhice

20

se não é teu

apreende

e ensina

como quem não sabe

21

que nada

!

sabe

22

limites : avança
até serem teus

então recolhe

23

dar

nem pescar
ensinar

antes saber-se
na rede

24

só é dono
da casa
quando se faz
hóspede

25

ainda que morto
o minotauro
achado o fio

te orienta
no labirinto
de não andar

26

palhaço chora

equilibrista

trapezista

malabares

caem

leão devora

domador

nesse circo

há glória

também

27

a forja do toque

e o martelo do sopro

calam

o que sofre

28

na dor do mundo

não há ferro
ou ordem

que possa

com o gozo da lida

29

para teu governo
sossega o facho

a ruína dos tiranos
é sempre sangue alheio

melhor comanda
quem deixa estar

30

porque é sonho

pai universo

mãe terra

e ilegíveis

legendas

legislações

há filhos

e governos

31

pelas leis
à guerra

às aflições
pelas regras

no que é com
justiça

32

deixa o forte
ao tempo

não enfrenta

ginga
apenas dança
contorna

fraco e mole

33

ritos

tradições

leis

o fim do humano

o começo

onde não há

fim

34

revolução

é por dentro

por fora só

guerra

35

o que

a noite

vela

no silêncio

inquieta

dos becos

o sereno

revela

36

se estás na guerra
mata apenas

mas não creias
que há inimigos

37

onde luxos

e jóias

e armas

e granfinagem

não há roubo

só roubados

38

é das leis
dos interditos
das patrulhas
a desordem

a utopia
deixa estar

39

a tirania é rio

busca vales
encontra eclusas

40

move moinhos

a piracema
dos homens

41

ira à luta
não a motivos

42

pena de morte

a lei prevê

matar

43

deixa doer
mas não sofras

44

muque

grua

pá

saber de morto

motor da vida

contorcionistas

capoeiras

dublês

45

rouba

do pleno

e compensa

o parco

mas não depõe tiranias

a saída fácil

46

se há verdade
 é ingrata
 e líquida

se é verdade
 contorna
 ou fura

47

o amanhã-céu

no chão

se funda

48

perdoar

sem fundos

sem fundar

res

sentidos

49

dinheiro na mão
dividir

com ou sem
cada um trate de si

50

desejar o eterno
dissipa o fruto
 maduro
do quintal vizinho

51

todos milhões de amigos

decidem entre

sim não

bem mal

como se distintos fossem

os acertos

52

e (dizem) nunca
levaram porrada

andam e
sabem aonde

não sabem por que

e param porque
ninguém onde

53

se só aonde
fica

se onde
vai

54

e silencia

dentadura na pele
do infinito

55

engana o difícil
o fácil

come o inquieto
o quieto

o mapa do tesouro
silencia

56

no caminho de eldorado
pegadas e chaves

pratas da casa
despistam

57

se ferve

o sangue

a cabeça

fria

caldeirão

não é céu

nem inferno

58

para o intangível

conceitos

teses

modelos

promessas

demaís

59

se não presentes
o presente

e crês no futuro
liberdade

atinges
não toca

60

se promessa
o presente

ausência

61

o toque

tudo

para todos e para ninguém

alhures , aqui

sempre , agora

o mínimo divisor

é com

62

tango

não basta ouvir

tango

não é de dançar

tango

não é cantada

nem ver é enxergar

63

diamante
onde
pó de grafite

onde
sonho
pé de feijão

humano
deus onde

64

se não for
a vida como ela é

viva!

65

porque inesgotável
imperfeito

se inesgotável
perfeito

66

sê imperfeito
antes que a luta
te perfaça

67

bons livros lançam

homens

aos ratos

68

para sair da solidão
credo não é criação
mas sua própria cria

69

as matemáticas
as línguas o gosto
das simetrias
te dão os céus

aqui agora
recalcula

70

o que se dá
 pão
 corpo
 vida
dádiva graça

grátis gasta

71

menos luz
(mas dissipa energia)
se acende

mais dura
(farola e guia)
quem centelha

72

calibra

o fiel

desequilíbrio

só balança

o humano

73

onde humano

recém-nascido

beira morte

gatos vivos

minas ricas

o mais que humano

74

se cala

não consente

que vivas

nem resmungos

gestam

o aquiagora

75

o universo
um aquário

76

é longo o capítulo das mulheres

porque deus
sem deusa
muitas marias

da penha

77

cânones beatitudes
alimentos
da infâmia

entre homens

santos
homens se tornem

78

na vigília
em que homens
aquiescem

tudo com um

não há inferno
nem beatriz

79

e caos
e verbo
e um

porque não antes o nada

80

egressa regressa
logo existe

o que é com
aqui
agora

lá onde o *cogito*
abismo

81

não sei
não quero saber

e vou aprendendo
a não ter raiva

de quem pensa
que sabe



o pai era um



Portanto cadáveres, mais do que esterco, são para se depor fora.
(Heráclito)



e dizem sim.

mas venta não é meu povo guenta aí –
carnes tesas nervos flor – cala o canto pio
e a terça magra que embalsama a tez beatriz

sucumbiu à kriptonita o pobre clark
nos legou criador do céu e da terra rené
e deus pai todo poderoso isaac

inventa não meu que o povo inda há de ver
veredas no garimpo da poesia nas favelas
como quem colhe (na teoria e no jardim)

rosas que falam

pois não toca a vida o deus que a vida cria
não abraça não beija não goza
quem imagina e pinta e canta o *fiat*

só a humana sina dos corpos pode
contra demiurgos evangelistas e poetas
que se nos acorrentam à história ao amor-dor

à fé de que só o verso o conto o credo
calam o abandono cicatrizam o silêncio não
não toca a vida a palavra só a calcina

então escolhe a pílula e vai configura ícones
no horizonte de patrícias e amélias
pisca ao *led* dos olhos de michês maurícios

(calçadas disfarçam o implante sob a pele)
crava-lhes a espada e não goza nunca
depois cega senta ao relento e estende a caneca

espera moedas espera o ergue-te *et ambula*
ou abandona crupiê e *chip* sem se voltar
seja pó seja pouco mas sempre muito tudo

dias duros naquele tempo do burro
e o pai era um – não pai de todos
não fura bolo do mundo no escuro

mãos repensas que limpavam os bolsos
pro menino ter um *chip* de nunca lembrar
mas humana falha defeito nos códigos

da máquina e só colou mesmo a máscara
de pai pau mãe boceta pois que ouro
melhor não há que a mina de gozar

e aí é como descobrir que menos que as trevas
da ideia e dos urubus de batina (que criam no cu)
sabíamos nus companheiros de caverna

retumbante alarma íntimo um virudum
tamborina um liberdade tarde embora
e não é a vida fato consumado grita inunda

a sombra do céu a verdade que na língua adoça
o trágico desconcerto por que o *chip* deu pau
tudo justo quando parei de tomar coca-cola

e na sala de jantar notícias e clichês
assaltam a mesa com promessas
de encontros quase desejos talvez

balas beijos perdidos e sonhos indóceis
que pais colecionam para netos à deriva
oh Amor nem faz cócegas teu cilício de silício

sob a pele de quem se esquiva de esquinas
de aqui um não um sim acolá da lavoura
ímpar do ouro do outro do gosto do risco

digito no *google* o nome de nossos mortos
eles chegam festeiros e sem interface gráfica
são nem filas de zero e um ao neo de meus olhos

mas matéria-energia no relógio mole e exato
me abraçam o *angelus novus* o medo no dente
a isca que fisguei naquela viagem de 1984

é festa de não esquecer o que ainda vem
um primeiro de maio no largo da abolição
pais e pátria passados sem lágrima nem gim

não fossem esses sorria você está sendo filmado
teletelas grande irmão de máquinas imundo
chances haveria de aprender com os dados

(com o gps que atalha favelas com o curto
circuito do afago que entesa o destino
com o acaso que obriga a recalcular o mundo)

mas sincronizou-os um crupiê bissexto
marcando o branco de todas as faces
com o ínfimo infinito dos buracos negros

1970 (quando nasci) me implantaram o programa
desde então frutifica cultivar a fé nos dados
e a lei do cão no reino dos mecânicos

cinemas viraram templos estádios catedrais
e o super-homem morreu – overdose de clark kent
meninos eu teria visto o mundo pela máquina

para a futrica dos poetas não ter fim
mas defeito de fábrica humana falha
durou menos que minha vida aquele *chip*





agradecimentos

André Capilé

Daniel Neves

Edimilson de Almeida Pereira

Fábio Fortes

Felipe David Rodrigues

Fernanda Fernandes

Gilvan Procópio Ribeiro

Maura Santiago

Oswaldo Martins

Pedro Paiva





venta não, Alexandre Faria.

Direitos reservados ao autor.

Licença Creative Commons: Atribuição, Não Comercial, Sem Derivados,
3.0 Não Adaptada.

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/>

Capa:

Pedro Paiva, sobre fotos de Alexandre Faria.

Diagramação e revisão:

TextoTerritório

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Por decisão do autor as páginas deste livro não estão numeradas.

F224v FARIA, Alexandre. 1970 -

Venta não / Alexandre Faria – Juiz de Fora: FUNALFA. Rio de Janeiro:
TextoTerritório, 2013.

114 p.

ISBN 978-85-7878-109-5

1. Literatura brasileira – poesia. I. Título.

CDD B869.1

CDU 821.134.3(81)-1



Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage

Av. Rio Branco, 2234 - Centro - CEP 36016-310 - Juiz de Fora - MG

Telefone: (32) 3690-7033 / 7044 - Fax: (32) 3215-5687

TextoTerritório

Lugar para criação de textos.

Textos para criação de lugares.

www.textoterritorio.pro.br
editora@textoterritorio.pro.br



www.textoterritorio.pro.br/ventanão

Esta edição de *venta não* foi impressa em papel pólen bold 90g, pela Singular Digital Ltda, para TextoTerritório, em julho de 2013. 50 exemplares foram numerados e assinados pelo autor.